

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## PEQUENA CHRONICA

Rebuscan lo nos escaninhos assás pequenos, microscopicos quasi, da minha pobre intelligencia assumpto para uma chronica desataviada, depa-rou-me a sorte, que é mãe dos infelizes, um periodico—maldito foi elle!—com um decreto sobre a pena de morte para os crimes politicos e militares!

Se a «Lagrima», felizmente livre e in lepen-ten-tes, tivesse politica, que excellente occasião para uma tirada olympica, homerica, dardejando raios e fundibulando pedradas d'indignação vibrante contra o governo que *felizmente* nos administra justiça de... morte!

Ah! e eu que já tenho tanto horror á morte, terrivel phenix sempre renascente, por tua causa, oh! Branca Flor do Sonho!

E como se não bastasse isso, eu vejo o horri-fico decreto, sempre ante os olhos, em pesadellos nocturnos, como o demonio do Dante, com azas negrejantes, enormes, como pannos de navio, es-cumando haba pestilenta, mortifera, arrepiandó as carnes e produzindo estremecimentos na espi-nhal!

E de tudo isto é culpado o mau governo que nos administra justiça... de morte!

Ah! e eu que já tenho tanto horror á morte, Parca implacavel e insaciada que jamais se farta, por tua causa, oh! minha Branca Flor do Sonho!

E como se não bastasse isso, eu vejo o tetrico decreto, sempre presente, como um esqueleto de con-lemnado, gosnando chammas incandescentes pela bocca descerrada, os dentes amarelentos, como os do Adamastor, olhares desvairados, umhas almeças, ensanguentadas ainda de tábidos ban-quetes!

E de tudo isto é culpado o mau governo que nos administra justiça de morte!...

Ah! e eu tenho tanto horror á morte, á morte que tu almeças como oasis caricioso e cariciante como o «ultimo alento» e «um grande remedio» oh! Branca Flor do Sonho, porque não és d'aqui, porque desejás quebrar os laços que te prendem á baixa materialidade da terra, por te alcançares ás regiões diaphanas do teu purissimo Ideal!

\*

Ah! como eu odeio quem, espesinhando todos os sentimentos humanitarios e altruistas, veio res-tabelecer uma pena esquecida, aviltante, arbitra-ria e jamais justificada—a pena de mortel

Eu queria ser o Paiz, para, n'um momento de justissima revindicta, applicar a pena de Talião

ao primeiro prevaricador, que não seria certamen-te o raso soldado ou o baixo official.

A? face de que principios se restabelece a pena de morte para os crimes politicos e militares?

E? que a *hydra* os amedronta, produzindo-lhes insomnias? Cure-se de lhe acalmar as iras por meios brandos e suavorios, que não pelo extremo de rigores, que servem para mais e mais espica-çar o louco desejo d'um renome immortal por um acto de audacia contra o systema que nos rege.

Leis justas, leis consentaneas com o progredi-mento actual, e não leis retrógadas, injustificadas e injustificaveis.

\*

Em caso nenhum acho motivo plausivel para se applicar a pena de morte. A maioria do paiz certamente pensa assim. Se fosse possivel consul-tar-lhe a opinião collectiva, eu fio que a maioria seria pela brandura bem entendida, pela toleran-cia bem ordenada, que nunca foi a anarchia nem a desordem...

Inicie-se ao menos uma forte campanha de re-sistencia contra a pena de morte.

E eu serei n'essa campanha um batalhador se-guro e certo, simplesmente pelo horror que me inspira a morte, por tua causa, oh! Branca Flor do Sonho!

INSIGNIFICANTE.

## PLASTICA

Não cantarei da nobre e juvenil senhora  
As formas divinaes, os olhos rutilantes,  
Os seus gestos gracios, os tons hilariantes,  
Que sabe modular a sua voz canora.

As pequeninas mãos, que o sangue azul colóra,  
O torso esculptural de arqueios palpitautes,  
Tudo, que d'ella vejo em sonhos delirantes,  
Jamais hei-de cantar na lyra antisonora.

Bardos e menestreis d'inspiração acesza!  
Juntaí quanto ha de bello e grande no universo,  
—As estrellas, o sol, a lua, a natureza;—

E d'isso então fazei, em alto estylo terso,  
A synthese immortal de tão gentil belleza,  
N'uma enorme epopeia escripta n'um só verso!

Outubro de 84.

FERNANDO DE SÁ VIANNA.

## A LAGRIMA

### NOTAS DA QUINZENA

Vagabundei um por essas ruas, como se isto fosse o Cairo ou Constantinopla, matilhas de cães, n'uma liberdade selvagem, sem terem cilhada na foinheira o humanitário açamo.

E' isto um perigo para as pernas, e por isso muito estimamos que as das leitoras e dos leitores, estejam, ao lerem estas mal notadas notas, no gozo da intocabilidade dos dentes rabia-dos, em companhia de quem mais desejarem. As nossas, ao presente, para em tudo lhes darmos gosto, estão intactas, Deus louvado.

Os pobres animaes tem sido para comnosco extremamente compassivos.

Passam por a gente encarquilhados pelo frio, com as orelhas murchas, fitando-nos mortificamente, e lá vão de longada.

Depois, causam pena, magros a ponto de os perdigueiros parecerem galgos e os galgos bacalhãos, encontram-se aqui pulverisando pacificamente um osso desprezado, e veem-se acolá correr fustigados pela bordoadá, ou pela pedrada instinctivamente má, que lhes deixa no lombo esquelético, marca chagosa.

Tenho commiserção por estes pobres animaes, e admiro-os, até, pela coragem heroica como aguentam o estomago bambalante; mas como o dictado diz que: «primeiro eu, depois eu, e sempre eu», lembro á intendencia municipal a conveniencia do providencial açamo.

Não tomem os bichos isto por offensa, eu admiro-os, porque tem uma historia brilhante, aureolada, e conheço que foi com elles que o homem prehistorico travou primariamente relações, mas o calor aproxima-se e agita-os, da-lhes vida e pôde-lhes dar tambem hydrophobia...

E é melhor o açamo como preventivo, do que o instituto Pasteur como remedio.

\*

A quinzena tem sido pouco prodiga em assumpto. Parece que tu'lo que era sensacionalmente bom foi embora d'envolta com o vento e com a chuva, com os trovões e com os relampagos.

Tudo aborrecido!

Apenas quebrou a monotonia, esta quinzena, um individuo que envolveu o corpo d'un seu semelhante n'uma navalha de ponta e móla.

O facto ainda assim não teve a importancia que se lhe quiz ligar; foi coisa leve, ligeira. Apenas houve um pequeno roubo no dorso da victima, por onde esguicharam alguns milligrammas de sangue. Mas nem se berrou por socorro, nem se effectuaram prisões, nem a auctoridade cumpriu com os seus deveres.

Se fomos buscar a origem d'esta navalhada, encontramos-a na massa do sangue dos nossos indigenas—o jogo de braço dado com o vinho.

Isto é tão banal, tão ridiculo, —já se torna tedioso mexel-o com o pausinho da critica.

«A maior parte da sociedade barcelleira não precisa só do simples emoliente, a cataplasma de linhaça, mas sim d'um cauterio incisivo e caustico».

\*

Principiaram os bailes de mascaras no theatro dos bombeiros.

Seriam 9 horas quando introduzi os pés nas chancas, garridas por inumeras tombas, porque não podia pôr os pés nus no chão, visto o frio ser horroroso, e lancei o côdecento gabão para os canastros.

Entreí no salão da dança.

Não haviam ali dez centimetros cubicos de espaço que não estivessem escorrajados pela luz elira d'uns petroleiros candieiros de folha de Flandros.

O vaeu indefinido do collossatico salão estava fundido de canastras de bandeiras branco-azues e roxo-roi.

Pela parede escarrapachavam-se escudos com bandeiras, deixando aqui uma pequena ruga natural, e acolá um alejado bojo, como se fosse a barriga d'um soldado depois d'um rancho de grã de bico.

Bancos esguios corriam em redôr do salão.

A orchestra estava empresepada no palco. O Sardinha, firme e direito, com a palavra molhada, esgaçava uns sons magicamente divinos, e os outros companheiros ajudavam-o no bom e artistico desempenho.

Dançava-se. As marcas em francez tinham uma accentuação genuinamente natural—fortemente accetnuada em ss e rr.

Descalcei as chancas e voltei o salão com uma mulher desformada, trigueira e boxigosa, que accedeu ao meu convite, n'um sorriso pallidamente d'ente.

Os pregos de ferro e meio, salientes no soalho, rasgaram-me um pé. Fui ao restaurante comprar um calix de cana, para deitar na ferida.

Um cheiro gordoroso e agradável, escapava-se d'un pannelo, onde fervia canja. Tomei uma e gostei.

Era meia noite, quando retirei do baile. Trouxe de lá u na recordação na manga do meu jaleco seboso,—u ranho cheio de pó, que se fogueava no salão pelas ventas arriba.

Hoje ha repetição de baile. 100 reis a entrada. Mulheres, entram gratuitamente.

E' dia de S. Braz...

No correio d'esta villa, uma mulher gorda e corada, para o respectivo director:

—Quero botar um telegramma.

—«Para onde é, e para quem?»

—«Lá isso para quem é... é que eu não digo, nada, tenha paciencia. Vocemcê é muito cruji-doso.»

## A LAGRIMA

Depois sempre se convenceu a dizer a director, porém para o assignar foi preciso um sermão.

Esta ainda faz lembrar o outro:

—«Quanto custa isto de uma parte pelo fio?»

—«A primeira palavra custa 60 reis, e as outras que se seguem, 10 rs.»

—«Ea então não quero nenhuma primeira palavra.»

Na loja de ferragens do sr. Mathias, á rua Direita, fallava o responsavel do nosso jornal sobre o summo da uva. Dizia elle que o vinho de uma nova taseca da beira da Praça era tão carregado, que parecia ter anilina.

O tasqueiro sabe isto e vem protestar dizendo ser uma infancia que se lhe levanta ao vinho, pois que elle não tem «adelina».

E não tem. Elle até o viu encubar...

Elle sempre ha cada cagalhufas para levantar falsos testemunhos...

Dizer que tem adelina  
O vinho do Senhor!  
E' um peccado mortal,  
Já o disse um confessor.

Em casa do sr. Martins, á Porta Nobre, pede um lavrador um bilhete postal:

—«Dê-me d'ahi um d'esses bilhetes «crystaes» de 10 reis».

Um dos empregados arrebentou las ceroulas a rir. Alguem que estava no estabelecimento perguntou-lhe o motivo por que tendo-se o caso passado ha bastante tempo ainda estava a rir-se.

—«E' porque n'outro dia um outro lavrador pediu-me um bilhete dos «taes».

E continuou a rir tanto que depois até as calças arrebentou, ficando com ellas em baixo.

O distincto jornalista Emygdio d'Oliveira, que no «Jornal de Noticias» sob o pseudonymo Barnabé, todas as quintas e domingos publica umas «Chronicas Portuenses», faz referencias a um lavrador que não quiz vender um collossatico pinheiro a um comprador de madeiras, por elle ter na rama um ninho de pintasilgos.

E' engano; estas avesinhas nunca fazem ninho n'aquellas arvores; o ninho havia de ser talvez de peza ou de corvo...

Em na parvonia tambem um litteratello disse anno passado que n'uma noite catitinha, e chique-sinha, de maio, ouviu cantar um roixinol, quando n'aquelle mez elle conserva o bico callado.

Havia de ser d'aquelles rouxinões, d'orelhas grandes, que se chamam jericos...

A força d'estylo, faz muita vez descambar tudo em muita força d'asneira.

O padre, a que já nos referimos, que deu com o seu rev.º corpo na agua, ao atravessar um ribeiro para vir ao comicio liberal, é effectivamente das immediações d'Alvellos.

S. revm.ª que é gordo, objectara ao seu magro companheiro que o arroio era largo para saltar; este, porém, galgou-o sem reparar na objecção do rev.º, estendendo-lhe, depois, como auxilio, a bengala.

Este agarra-a e conta, como prevenção, um, dois, tres, e vóa para a margem opposta, cabindo no meio da travessia, de costas, ficando com o florete na mão, porque a bengala era d'estoque.

O magro tambem cahiu em secco com o canudo nas unhas.

Na loja de barbeiro do sr. Quiteria & Barge, estava um d'estes sabbados, um moço louro, a cheirar a aguardente de figo com esta treta:

—«O que sobe á cabeça não é o vinho, são uns tantos degraus que elle tem».

E depois de grande pausa:

—«Eu estarei enganado, ou o tasqueiro me comeu dois e cinco no troco! Ora toca a auerbar outra vez: eu trazia de meu um testão, com trinta e cinco; com dois chétos que me deu o sr. E., são... (contava pelos dedos). Ora deixa ver! são doze vintens e quinze reis; dei-lhe para a despeza doze vintens, e elle voltou-me... voltou-me um testão e mais um testão, com outro por riba... temos nós, por conseguinte... com quinze reis... com meio testão... são.. que raio!... não endireito.

Mas logo vou endireitar para a taseca, entornando meia do branco, que meu énes gosta de gaurir... porque é gidio».

A respeito da «Lagrima, fallavam debaixo do carvalho da ponte, em Barcelinhos, duas mulheres:

—«Agora ninguem pode fazer nada».

Estavam á migalha os filhos do Simões a ler um jornal, que sempre trazia cousas do demo. Até lá fallava do «lino Jacintrinha, p'ronte caminhaes». Eu ja disse ao meu Garrido se n'um haveria meio de prohibir o jornal. E' que não se pode fazer nada».

Agora não: pode-se fazer o que se quizer de noite e de dia, porque a «Lagrima» em coisas particulares não mette o bedelho. Só no que fôr publico e inoffensivamente engraçado, porque então é:

«Ávoca maçaroca,  
«Arranca o folle,  
«Ganha abelhão,  
«P'ra todos mordicão».

## A LAGRIMA

São uns pandegos os nossos visinhos d'Espozende!.. Alli até a Justiça—a pudibunda Justiça—é panlegal!..

¿Não acreditam? Pois podem e devem acreditar. Ora oiçam. Cá os da «Lagrima», são mais curiosos do que as mulheres; coitados, precisam de casos e coisas desopilantes. E vae d'ahi, vão a toda a parte. Assim é que, na ultima audiência geral lá fomos até ao nosso tribunal judicial. Muito aperto, etc. etc., mas, afinal, conseguimos abeirar-nos da mesa do sr. escrivão. Sobre essa meza muitos papeis do «anno do nascimento», é claro. Depararam-se-nos uns autos d'Espozende, abertos, e qual não foi o nosso espanto ao lermos um termo em que o sr. escrivão municipal declarava que *appensava* áquelle processo, umas calças,

uma carapuça, uma camisola, uns tamanhos e muitos outros objectos que pertenceram a um infeliz que ha dias fora assassinado!.. Não podemos conter a gargalhada. Que pandegos são os da justiça d'Espozende, exclamamos! O juiz olhou-nos d'alto, e o escrivão recommendou silencio. Mas, por mais que procurassemos, não vimos appensos ao processo objectos alguns!.. O escrivão riu-se e concordou que o seu collega d'Espozende é um pandego. Realmente, fazer de um processo crime o guarda-roupa de um morto, só Espozende!.. Que pena não fazer um burro parte do espolio do assassinado, para o vermos figurar por appenso ao processo!.. Um burro por appenso era pandego!..

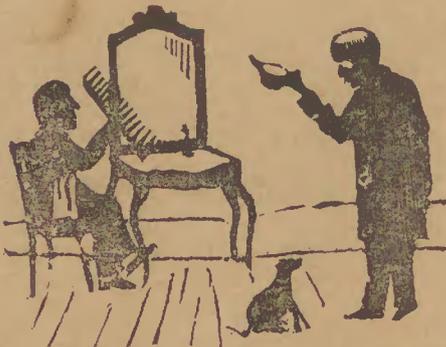
Louvido seja Nosso Senhor!..



¿Como se arranjará o snr. Car loso Pinto cavalteando um Jerico?



¿O' Delfino Esteves? deixa ver um bocalo do teu nariz para embalsamar.



¿Ó Periquito, olha que é um cumulo o sr. F. Carmona mandar apartar o cabelo?



Um militar alto e magro como um varejão... Uma rapariga baixa e amoxilada...

—«O' menino Joãozinho,  
Que tendes? porque choraes?»  
—«Foi ella que me bateu,  
Não torno a ir lá mais».

—«Cala, cala, meu menino,  
Em paga dou-te um rosquilho,  
E' melhor papar riquinho.  
Do que escrever p'ro «Sarilho».

# SUPPLEMENTO

# A' LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## A' BATALHA DE FLORES

«Senhores! Estamos por igual fartos, cansados e saciados de palavras e palavreadores», a respeito da batalha de flores, sem que um só passo se tenha dado para a sua realisação.

«Emquanto que tivermos homens de—havemos de fazer e não de—fazamos—, dizia o padre Antonio Vieira, não tens vitalidade».

E' urgente, pois, que a mocidade barcellense se una para protestar contra o carunchoso carnaval gorduroso. E' natural isso. Deve haver sempre tendencias a progressismos, e nunca estacionamentos em pantanissimos marasmaticos.

«Eu desejava ter n'este momento estylo facil e eloquente, incisivo e caustico.»

Facil e eloquente para vos retinar o carnaval avelludado e aflorado, correcto e aprumado, que Barcellos gosou nos dois ultimos annos, que aposto St.º Agostinho os desejaria mais ver, do que a magnificencia dos triumphos romanos, que tanto apeteceu observar.

Facil e eloquente para vos esmiucar artistica e proficientemente a abundancia de caméias que surgem do sólo do nosso concelho, como em nenhum outro no nosso paiz alaranjado, a impellirnos providencialmente a que joguemos com ellas, como jogou um filho de Barcellos, Manuel da Rocha Freire, a espada, em defeza da nossa independencia, tomando os castellos de Vianna e Caminha.

Facil e eloquente para vos trazer á tæla com toda a consonancia de côres, a fina noção de esthetica que se salienta n'um carnaval correcto e asseado,—e como até por ella se pôde observar o caracter typico d'uma povoação.

Incisiva e caustica para chicotear e pulverisar, até, todas essas ronceiras e atrabiliarias velharias d'um entrudo abarrotante de laranjadas e suffocante de pós.

Incisiva e caustica para vos arrastar soffregamente, como Solon, a retirar das praças publicas essas mascaras de papelão enfulipado e de travesseiras sebosas.

Incisiva e caustica para verberar com enthusiasmo de fogo e com convicção de bronze, todo o atrevido que venha ensurrascar o carnaval de 93, com alguma lembrança desoriginalmente rasteira.

Não tenho porém o estylo facil e eloquente incisivo e caustico, apresento-me por isso desa-

taviado e simples, defendendo com vontade e coragem o novo ideal florente do carnaval moderno, como um alferes barcellense defendeu na Africa, no reinado de D. Sebastião, a sua bandeira, segurando-a com os dentes, depois de lhe terem cortado as mãos.

«Ha maior espirito christão, diz Smiles, no homem que applica seu tempo, seus esforços e até a vida, se preciso for na defeza d'aquilo que não é a sua propria individualidade, do que na vida ascefica, com todas as humilhações»; por isso tomem pacientemente como una especie de compensação aos incisivos e causticos, faceis e eloquentes, este meu tempo empregado no mais patriotico empenho de substituir o cahotico regimen d'esse velho rabujento que «cheira a orelheira de porco e feijão branco», como diz Ramalho Ortigão, pelo mais humanitario systema folião consignado nos codigos fundamentaes do carnaval moderno.

Barcellos deve reunir-se em peso hoje ás 6 horas da tarde em casa do sr. João Vallongo, «para levantar um solemne protesto contra as exhibições mal cabidas, d'um carnaval mal educado».

«Toda a mocidade de bem, todos os rapazes intelligentes, devem protestar contra os despotismos da semsaboria.»

«Unamo-nos um por todos e todos por um.»

«Jovens de todas as classes, á reunião.»

«Viva a batalha de flores!»

«Viva a mocidade barcellense!»

«Abaixo a tremogada ignobil.»

«Fôra as laranjadas!»

Commercio, artes e lettras, folguemos.

Clero, nobreza e povo, digamos como o poeta:

«E tu, salvé, Barcellos bem fadada

Terra d'altos portentos!

Negue-te embora hoje o tempo esquivo

D'episcopal cidade o nome e o timbre

Que outr'ora te adornavam;

Não pode, não, roubar-te

A coroa immortal com que teus filhos

Te dão renome eterno.

Grande por elles, elles por ti grandes

Existireis na historia,

Emquanto que no mundo houver memoria.»

Barcellos, 10 | 2 | 93.

A. SOUCASAUX

RESEARCH  
AT THE  
MUSEUM

OF THE  
SMITHSONIAN INSTITUTION

Published by the  
Smithsonian Institution  
Washington, D. C.